

UMA PROPOSTA ILUMINISTA PARA LISBOA EM 1755

| Ivone Salgado

Professora doutora  
Programa de Pós-Graduação em Urbanismo  
CEATEC PUC-Campinas  
*salgadoivone@puc-campinas.edu.br*

# UMA PROPOSTA ILUMINISTA PARA LISBOA EM 1755

## INTRODUÇÃO

Este texto se propõe a uma reflexão<sup>1</sup> sobre as concepções urbanísticas europeias de meados do século XVIII, momento no qual, após o terremoto ocorrido na cidade de Lisboa, em 1755, uma ação imediata se empreende com o intuito de reconstruí-la.

A literatura sobre o tema já consagrou extensa reflexão sobre o episódio, notadamente a partir da clássica obra de José Augusto França de 1962:<sup>2</sup> *Lisboa pombalina e o Iluminismo*. Todavia, a reflexão sobre o tema ainda é instigante, sobretudo pelo questionamento colocado já na introdução à obra quando o autor, embora afirme que a reconstrução de Lisboa “se insere numa nova conjuntura europeia, ou seja, num gosto que se transformava e numa estética que procurava adaptar-se a um novo pensamento – o pensamento do Iluminismo” (França, 1987, p.13), questiona: “Em que medida a nova Lisboa está em relação com os gostos e necessidades da sociedade portuguesa? Em que medida se relaciona ela com a estética do Iluminismo?” (ibidem, p.14).

Nossa motivação é refletir sobre o projeto urbanístico levado a efeito na reconstrução de Lisboa e confrontar como a opção adotada estava ou não em sintonia com as concepções e debates em curso nas academias e com as práticas profissionais empreendidas em cidades europeias protagonistas destacadas no palco da constituição de um saber sobre a cidade, que se conceituaria no decorrer da segunda metade do século XVIII como uma concepção iluminista de intervenção no urbano.

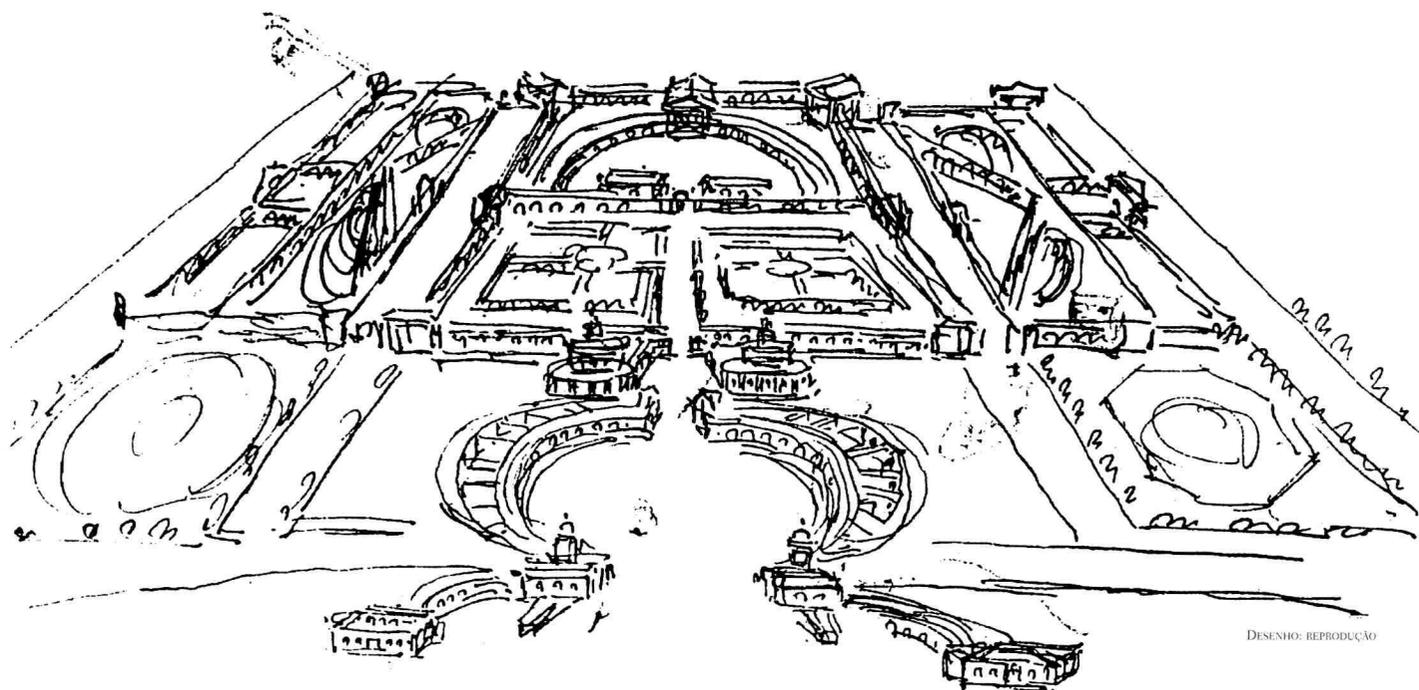


Figura 1 – Perspectiva em vôo de pássaro da proposta de Robert Adam de 1755-1756 para a reconstrução de Lisboa, realizada em Roma no contexto de um exercício acadêmico. Sir John Soane's Museum, de Londres.

Se considerarmos os ideais do Iluminismo em transformar a cidade capital no símbolo de uma nação próspera, uma cidade monumentalizada, a reconstrução de Lisboa é representativa dessa filosofia.

Se, contudo, observarmos com acuidade as concepções adotadas para o projeto arquitetônico e urbanístico, as soluções propostas pelos engenheiros portugueses estariam filiadas a uma tradição mais próxima do século XVII. No plano de Lisboa de 12 de junho de 1758 (França, 1987, p.331), remetido ao duque de Lafões, regedor das Justiças, que se refere ao regulamento do alinhamento das ruas e à reedificação das casas que se deveriam construir em terrenos específicos, revelam-se preocupações de regularidade e simetria na composição das fachadas das construções, onde as proporções estabelecidas entre largura da rua e altura dos edifícios, assim como o alinhamento das ruas em relação a alguns edifícios que se queriam conservar, como é o caso da Igreja de São Roque, respondem à simetria clássica.

Dentre os protagonistas da reconstrução de Lisboa, profissionais de larga experiência, como o maestro de toda a operação, Manoel da Maia, engenheiro-mor do reino, se colocam diante de uma tarefa que exige iminente resposta. A resposta imediata necessária às circunstâncias históricas dadas pelos acontecimentos fez que Manuel da Maia redigisse, em 1755, 1756 e 1758 suas *Dissertações* com as reflexões sobre as alternativas para reconstrução da capital. Nessas, incluía as plantas concebidas pelos engenheiros militares portugueses; a do capitão Eugénio dos Santos Carvalho, onde indicava o que se deveria conservar e o que se deveria refazer; e outra para a renovação da “Baixa” arruinada sem

pretender a conservação de parte desses sítios, planta essa idealizada pelo capitão Elias Sebastião Pope (França, 1987, p.326).

Em contraponto à idéia de que as respostas dadas pelos engenheiros portugueses estariam mais próximas das práticas arquitetônicas do século XVII poderia ser argumentado que as novas concepções iluministas sobre a cidade, no que se refere a essas práticas, estavam ainda por se formar e que somente ganhariam consistência no decorrer da segunda metade do século XVIII.

A confrontação da resposta dos engenheiros militares portugueses com uma outra resposta imediata ao episódio pode fornecer subsídios para a nossa reflexão. Trata-se dos desenhos de Robert Adam para a reconstrução de Lisboa de 1755-1756 (Salgado, 1998). Considerado pela historiografia inglesa (Stiliman, 1988, p.216) como o primeiro projeto de plano urbano de grande escala, concebido em Roma no final de 1755, ou no começo do ano seguinte, tendo sido descrito numa carta para sua irmã Jenny de 23 de abril de 1756, do qual foram preservados alguns croquis e uma vista aérea que hoje se encontram no Sir John Soane's Museum de Londres.

Provavelmente, os desenhos de Robert Adam para a reconstrução de Lisboa tenham sido desenvolvidos no contexto de um exercício acadêmico no estilo das práticas empreendidas nas academias italianas, das quais a de Roma e a de Bolonha eram as mais prestigiadas, onde temas eram lançados nos *Concorsi* (Tait, 1993, p.39) voltados a reflexões teóricas de temas arquitetônicos.

Os croquis revelam uma seqüência de espaços urbanos organizados a partir de figuras geométricas regulares: círculos, quadrados, retângulos, octógonos, semicírculos, triângulos (Figura 1). Um eixo principal norteia a composição que se forma a partir do porto com duas bacias semicirculares; na seqüência, abrem-se espaços destinados às habitações burguesas (“Maisons des Bourgeois”)<sup>3</sup> formados por dois blocos de edifícios organizados num espaço retangular com espaços circulares centrais; o grande eixo culmina num espaço semicircular destinado à habitação da nobreza (“Place pour les maisons de la Noblesse”), formado por uma estrutura em pórticos. Trata-se de uma idéia esquemática, reveladora do livre-pensar de um jovem arquiteto ainda na sua fase formativa na Academia Francesa em Roma. Adicionados a esses espaços urbanísticos principais encontram-se colunatas, templos e diversas outras unidades análogas às contemporâneas fantasias de Robert Adam no seu percurso formativo.

O jovem arquiteto escocês empreende o seu “Grand Tour” formativo a partir de 1754, então com 26 anos, do qual faria parte uma estada na Itália, onde entra em contato com os estudos sobre a Antigüidade, com o trabalho dos mestres italianos e com a arqueologia contemporânea italiana.<sup>4</sup> Encontra em Florença em 1755, e contrata como tutor, Charles Louis Clérissieu, premiado com o *Grand Prix* de Roma de 1746, brilhante desenhista e arquiteto francês (Hoar, 1963, p.141). Robert Adam aprenderia com esse mestre os princípios compositivos da arquitetura neoclássica. Ainda, encontra em Roma o gravurista

Giovanni Battista Piranesi, com quem explora a grandiosidade e a magnificência das ruínas da Antigüidade romana. Os croquis de Robert Adam para Lisboa apresentam uma síntese dos ensinamentos de Clérisseau e Piranesi, ainda, a presença dos ensinamentos do desenho de Laurent-Benoît Dewez e Jean-Baptiste Lallemand, com quem aprendeu as representações da paisagem procurando capturar o espírito arquitetônico da metade do século XVIII (Bolton, 1984, p.14).

### OS IDEAIS DE COMPOSIÇÃO URBANA INGLESA DO PERÍODO

A proposta de Robert Adam para a reconstrução de Lisboa parece sintetizar os ideais de composição urbana inglesa que se difundiram na Inglaterra e Escócia desde meados do século XVIII e que se consubstanciaram nas principais experiências urbanísticas marcadas pela construção de seqüências de espaços regulares denominados *squares*, tipologia urbanística inglesa por excelência.

A proposta mais significativa nesse sentido e que parece sintetizar esses ideais é aquela atribuída a John Gwynn, publicada em 1766; um ensaio intitulado *London and Westminster Improved*, no qual o autor propõe uma ação coordenada da estruturação da cidade e de seus problemas de renovação e que se prefigura como um plano global para as transformações futuras. No texto de John Gwynn (1766) são apresentadas as vantagens na utilização de seqüências de *squares* e a idéia de como Londres poderia ser embelezada com *squares* regularmente construídos. Ainda, alguns *circus* e praças octogonais são ilustrados em quatro excelentes mapas detalhados.

Os princípios de ordenação regular da cidade, assim propostos na obra de John Gwynn, revelam os ideais de composição urbana inglesa que se difundiram desde meados do século XVIII nas principais experiências urbanísticas na Inglaterra e na Escócia, especialmente aquelas realizadas nas cidades de Londres, Bath e Edimburgo, que foram palco da construção de seqüências de espaços regulares denominados *squares*. Para Paolo Sica (1982, p.86) essa vontade iluminista de racionalização do urbano se apresenta na Inglaterra como uma tentativa de controle planejado da cidade mercantil da livre-concorrência.

O precedente tipológico do *square* inglês pode ser buscado na primeira intervenção urbana planejada em Londres (Richardson, 1979, p.10): o complexo de Convent Garden. A praça projetada por Inigo Jones em 1630 é a primeira realização urbana na Inglaterra em que se adotam os novos elementos culturais do Renascimento na coordenação orgânica dos temas em jogo. Inigo Jones introduzia assim a arquitetura renascentista na Inglaterra, adaptando princípios dos tratadistas italianos, principalmente os de Palladio; derivando a praça, provavelmente, das praças italianas (*piazzas*) vistas por Inigo Jones quando de sua viagem à Itália. O conceito de Convent Garden, seu esquema e sua *Piazza* e, certamente, o desenho da Igreja de St Paul (ibidem), que integra a referida praça são referência para as composições urbanísticas posteriores na cidade de Londres.

A *Piazza* em si foi uma inovação em Londres – um *square* aberto para atividades e encontros sociais. No seu entorno construiu-se um total de dezessete edifícios entre 1633 e 1637. O elemento de destaque do projeto foi a praça concebida como um grande *square* aberto. No lado oeste encontrava-se a igreja clássica de St Paul, a primeira igreja anglicana construída em Londres na metade do século XVI; ao norte e a leste foram projetadas residências com galerias de passagem cobertas no térreo; e, ao sul, o pavilhão de Bedford House.

Convent Garden foi a primeira grande contribuição ao urbanismo inglês.<sup>5</sup> Seu exemplo é seguido, em Londres, por outras praças residenciais substituindo as antigas edificações. Esse processo foi interrompido pelo grande incêndio de 1666. Os diversos projetos apresentados para a reconstrução de Londres expressavam claramente a situação cultural do urbanismo inglês nos primeiros anos da restauração. Não cabe, todavia, no presente artigo, desenvolver o tema desse concurso, lembrando apenas que as autoridades inglesas abandonaram todo tipo de plano inovador que implicariam amplas desapropriações e uma notável redistribuição da propriedade privada. Assim, essas autoridades decidem pela execução de um programa normativo, materializado no Act for Rebuilding the City, de 1667, obra de alguns especialistas, entre eles o próprio Christopher Wren. Trata-se de critérios gerais a serem empregados na reconstrução, definindo-se três tipologias edificativas: a do tipo A, para ruas estreitas, de dois pisos; a de tipo B, para ruas com largura intermediária, de três pisos; a de tipo C, para ruas largas, de quatro pisos; e a de tipo D, *mansion houses*, com pátio interno e quatro pisos.

No plano de reconstrução de Lisboa empreendido pelos engenheiros militares portugueses se faz referência à cidade de Londres. Essa referência estaria mais próxima desse processo de normatização empreendido em Londres pelo Act for Rebuilding the City do que das novas concepções urbanísticas do século XVIII. As preocupações com os valores fundiários e imobiliários das edificações estão presentes na obra de Manoel da Maia de 1756, *Dissertações*, nas quais se expressa que as opções de reconstrução levariam os proprietários a obter “os seus antigos rendimentos” (França, 1987, p.311).

Na Inglaterra, no período da Restauração, que vai até 1688, a edificação comum em Londres segue os princípios da regulamentação; mas são também construídos vários outros *squares* que paulatinamente se constituem no elemento dominante das transformações de Londres: praças regulares, geralmente quadradas ou retangulares, porém submetidas a efeitos pré-ordenados de arquitetura. Os *squares* são os episódios urbanísticos que caracterizam os parcelamentos do solo, mediante os quais se incrementam a expansão da cidade. No centro do *square* se situa um jardim, que não é dividido ou fracionado, mas sim tratado mais como a parte de um parque que se deseja em condições naturais, às vezes quadrado, mas na maioria dos casos circular ou em forma oval. As ruas confluem para o *square* pelos seus ângulos, havendo ou a eliminação da visão axial ou o enquadramento no fundo do eixo axial da rua do elemento verde do jardim (Sica, 1982, p.82).

O *standard* urbano de Londres se estende, após as três primeiras décadas do setecentos, a outras cidades inglesas. Em 1727, John Wood (1704-1754) se transfere de Londres a Bath – a cidade termal que desde 1725 se converte em centro de diversão da alta sociedade inglesa – e começa ali sua venturosa e próspera atividade de projetista e empresário. Em 1725, começa a construir o Queen Square, uma praça quadrada, e no ano de 1753 o *Circus*, uma praça redonda que se une com a anterior através da Gay Street, uma rua de fachadas uniformes. Seu filho, John Wood Junior, termina o *Circus* no ano de 1764 e começa a construir em 1767, a oeste dessa praça, a Brook Street e o Royal Crescent, um conjunto de casas de planta semielíptica, aberta livremente ao panorama do vale frondoso. A criação da construção espacial *crescent* obtém um grande êxito e se constitui num dos modelos característicos da edificação urbana na Inglaterra na segunda metade do século XVIII.

Na sua origem Bath foi uma cidade romana e isso marcou as idéias de John Wood, que imaginou explorar sua nova prosperidade nos esquemas dos edifícios propostos, buscando uma restauração do esplendor arquitetônico de outrora. Sua proposta original incluía um *forum*, um *circus*, e um *gymnasium* (Summerson, 1988, p. 164).

A tipologia urbana definida na Inglaterra é adaptável também para grandes composições de conjunto como a da área periférica de Edimburgo que, a partir de um edital de 1752, teria iniciada sua construção em 1763. Para essa realização seca-se um lago ao norte da cidade e convoca-se um concurso para a ordenação geral da área. O projeto vencedor é de John Craig, de 1766. Esse desenha um bairro utilizando o traçado quadriculado, interrompido por grandes *squares*, rodeado de amplos jardins.<sup>6</sup>

As intenções contidas no edital de 1752, intitulado *Proposals for carrying on certain Public Works in the City of Edinburg*, revelam os ideais do Iluminismo em transformar a cidade capital no símbolo de uma nação próspera:

Dentre as diversas causas que podem justificar a prosperidade de uma nação, a situação, a conveniência e beleza de sua capital são seguramente questões que não devem receber pouca consideração. Uma capital onde estas circunstâncias ocorrem com sucesso, poderá naturalmente se transformar no centro de trocas e comércio, do ensino e das artes, no centro político e no refinamento de muitos outros setores. Rapidamente, as vantagens que esta situação produz irão ser experimentadas na cidade e então elas irão se difundir através de toda a nação e assim promover, universalmente, o espírito da indústria e das transformações. (Youngson, 1970, p.35)

O plano de James Craig é composto por uma trama regular marcada por três grandes vias principais no sentido longitudinal (leste-oeste): uma em cada extremo (Queen-Street e Princess-Street) e uma central, definindo um eixo principal (George-Street) que liga duas praças nas extremidades (George's Square e St Andrew's Square). A denominação

das ruas fazia parte integral do desenho e simbolizava a união parlamentar entre Inglaterra e Escócia, glorificando George III e a Casa de Hanover, pela denominação de George Street ao eixo principal ligando os dois magníficos squares. Esses deveriam se chamar St Georges e St Andrew, os santos patronos da Inglaterra e da Escócia, respectivamente. Posteriormente, a rainha Charlotte atribuiu-lhes outra denominação.

O repertório dos modelos urbanísticos, baseados nas formas geométricas elementares e na repetição rítmica de cada um dos elementos, confere às intervenções uma harmonia refletida e se implanta pouco a pouco como um ornato urbano específico da cultura iluminista sobre a cidade com destaque para as experiências das cidades de Londres, Bath e Edimburgo. O projeto do jovem Robert Adam para Lisboa está em sintonia com essa cultura.

**A CONCEPÇÃO DE CIDADE HIGIÊNICA DO PERÍODO**

A análise do projeto de Robert Adam para a reconstrução de Lisboa nos remete, ainda, a uma confrontação com as concepções iluministas de intervenção na cidade pautadas pelas teorias médicas do século XVIII.

Na referida proposta de Robert Adam para Lisboa são projetados “*les faubourgs dans lequel sont tous les métiers qui sont dangereux dedans une ville*”.<sup>7</sup> Esses *faubourgs* parecem estar separados das áreas destinadas às habitações da nobreza e da burguesia, assim como das áreas comerciais, por canais que desembocam no mar e são precedidos por amplos jardins formais. Ainda, na entrada do porto proposto está projetado um lazareto, que poderia, sem dúvida, reter os enfermos que ali desembarcassem. A destinação de espaços específicos na cidade para abrigar as edificações insalubres no projeto de Robert Adam para Lisboa parece estar em sintonia com a cultura médica do período e

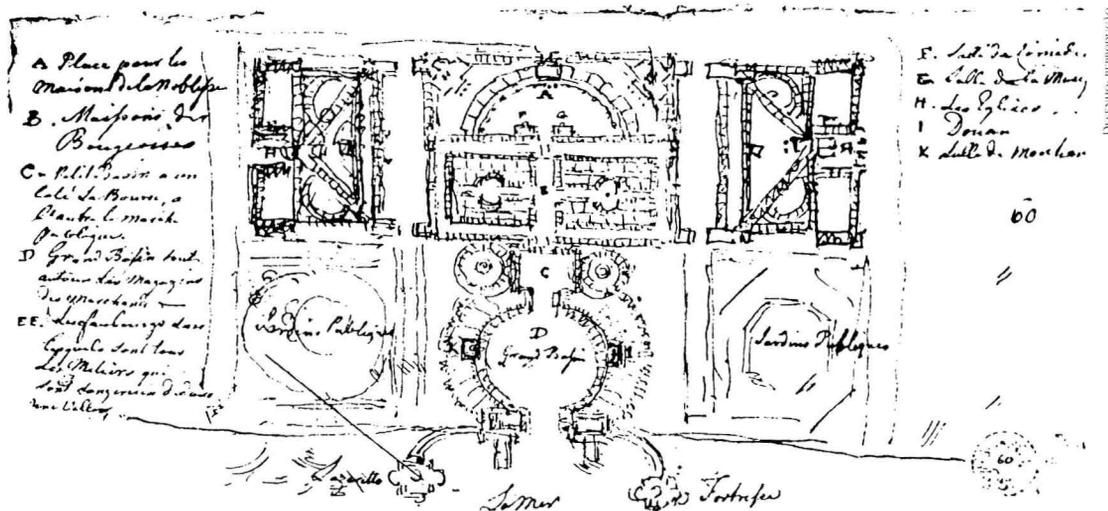


Figura 2 – Plano de Robert Adam de 1755-1756 para a reconstrução de Lisboa. Nas laterais, esquerda e direita, da seqüência de espaços regulares destinados aos comerciantes, burguesia e nobreza estão indicadas as localizações dos edifícios destinados aos “ofícios considerados prejudiciais no interior da cidade”, precedidos de grandes jardins. Observe-se, ainda, o lazareto na entrada do porto.

DESENHO: REPRODUÇÃO

com a cultura arquitetônica do período no que se refere às questões do higienismo urbano (Figura 2).

O aumento do adensamento da população urbana no século XVIII na Europa exigiu uma luta contra a insalubridade sobretudo nas grandes cidades. O século cultivava um espírito higienista que considera a aeração como meio eficaz de expulsar das cidades *miasmas* e doenças. Com o objetivo de prevenir as epidemias, tão temerosas quanto mortais, médicos, engenheiros e administradores iniciam sua batalha por denunciar a presença dos cemitérios no interior das cidades. Sensíveis a essas idéias, as autoridades civis solicitam relatórios do corpo médico por meio de questionários que levantassem *in loco* as condições sanitárias. A reação do clero é imediata, ao perceber as mudanças que tais atitudes poderiam ter sobre os tradicionais cultos dos mortos (Solon, 1972).

Nas relações culturais entre essas duas categorias profissionais – médicos e arquitetos/engenheiros – constataremos que a teoria *miasmática*, definida na academia de medicina, fundamentava as propostas de intervenção na cidade. A obra de Vicq d'Azir (1805), doutor em medicina, membro da Académie Française e da Académie de Sciences e, ainda, secretário da Societé Royale de Médecine, um tratado médico onde estaria incluído o seu *Essai sur les lieux et les dangers des sepultures*, publicado em 1778, defende a necessidade de distanciar as sepulturas dos lugares habitados pelos homens baseado nos danos aos quais eles estariam expostos pelas emanações dos cadáveres. Vicq d'Azir procura demonstrar os perigos das inumações nas igrejas e no interior das áreas amuralladas da cidade, desenvolvendo os princípios da teoria *miasmática* que fundamentava as propostas sobre o lugar adequado na cidade para os edifícios que exalavam mal-cheiro.

Segundo o médico, o ar carregado de emanações pútridas se tornaria necessariamente mortal se as exalações diversas que emanam de certos corpos não dissipassem aos princípios de sua corrupção e se o ar infectado ficasse parado e não se renovasse jamais e, principalmente, se ele fosse respirado por muito tempo. Para Vicq d'Azir (1805, p.78), se estivéssemos convencidos desses princípios, compreenderíamos facilmente por que todos os lugares subterrâneos, baixos, pantanosos e cercados de montanhas e densas florestas seriam pouco salubres; por que as doenças seriam tão freqüentes e quase todas malignas nos lugares onde o ar estaria impregnado por partículas fétidas. Estaria aqui a fundamentação para uma intervenção radical na cidade que, atribuindo lugares específicos para a instalação de edifícios que pudessem conter matéria orgânica em putrefação e condenando áreas úmidas e pantanosas, conduziria às novas práticas de intervenção na cidade.

Tanto a academia francesa de medicina como a italiana eram protagonistas desse debate. A obra do médico Vicq d'Azir seria uma versão de outra publicação similar italiana de Scipion Piatolli (1774) – *Saggio in torno al luogo del seppellire*. Vicq d'Azir, por sua vez, apesar de reconhecer o mérito da obra italiana que ele traduzira, observa que já se havia escrito na França sobre o assunto, antes da obra de Scipion Piatolli, alegando que essa contém trechos traduzidos das obras dos médicos franceses Hagenot e Maret. As *Dissertações*

de Hagenot sobre o tema são de 1746. A obra de Maret foi publicada em Dijon em 1773 e intitulava-se *Mémoire sur l'usage où l'on est d'enterrer les morts dans les églises et dans l'enceinte des villes*.

O debate presente no seio dessa categoria profissional – médicos – também estará presente entre os arquitetos e engenheiros do século XVIII, pois cabia a eles pensar a intervenção na cidade. Um dos tratados de arquitetura de maior repercussão na França na segunda metade do século XVIII foi a obra de Pierre Patte, que sintetiza as reflexões do período e sistematiza, talvez pela primeira vez, as possíveis respostas aos problemas que a cidade insalubre do século XVIII coloca (Salgado, 2003, p.21-2). Pierre Patte publica em 1765 *Monuments érigés en France à la Gloire de Louis XV*, e em 1769 *Mémoires sur les objets les plus importants de l'Architecture* (Patte, 1973).<sup>8</sup>

Trata-se de duas obras precursoras como propostas de intervenção planejada na cidade, nas quais se destacam: a dimensão estética como fundamento para as novas remodelações e a dimensão técnica como princípio de intervenção. Patte se propõe em suas *Mémoires* a apresentar as medidas necessárias para dispor uma cidade, destacando quais os meios de operar sua salubridade; a distribuição adequada de suas ruas para evitar todo tipo de acidente; a maneira mais vantajosa de localizar seus esgotos e repartir suas águas; a melhor forma de construir casas visando protegê-las dos incêndios; bem como apresenta uma teoria sobre o transbordamento dos rios e propõe uma *zonificação*<sup>9</sup> da cidade, excluindo para os *faubourgs* as atividades ruidosas, rudes e malcheirosas (matadouros, triparias, cutelarias, curtumes etc.) cujos edifícios eram focos de propagação de doenças.

Essa preocupação revela a sintonia das propostas de Patte com a teoria médica do período – a teoria *miasmática* –, na qual a purificação do ar é uma premissa. Nesse contexto, Patte propôs ainda a eliminação da prática de enterramento nas igrejas e recomendou que os cemitérios e hospitais fossem construídos em áreas distantes da cidade. Suas propostas para a intervenção na cidade, assim como as encontradas em outros tratados de arquitetura e engenharia do século XVIII são as mesmas preconizadas pelo corpo médico.

Em sua célebre obra, José Augusto França (1987, p.157 e 355, nota 115) comenta que o arquiteto português Eugénio dos Santos não poderia conhecer Pierre Patte, pois esse havia continuado o *Cours d'Architecture* de Jacques-François Blondel que falecera em 1774, obra essa publicada em 1771 e 1777, e Eugénio dos Santos morrera em 1760. Sabemos, todavia, que o percurso intelectual de Pierre Patte inicia-se em décadas anteriores ao falecimento de Blondel, e que durante a década de 50 do século XVIII ele encontrava-se no seu percurso formativo junto aos principais círculos intelectuais europeus. Pierre Patte, nascido em Paris em 1723, entre 1745 e 1749 encontra-se na *École de l'Académie d'Architecture* como aluno de Charles-Etienne Camus. Em 1750, é enviado para a Itália para observar os projetos de teatro.<sup>10</sup>

Como gravador, trabalha nas pranchas da obra de Jacques-François Blondel, *Architecture Française*, em 1752; é responsável pela edição do livro de Germain Bofrand,

*Oeuvres d'Architecture de Boffrand*, entre outras. Nessa década, Pierre Patte estava em contato com Diderot, que dirige a *Encyclopédie*, quando Patte é o responsável pela elaboração das pranchas para a descrição do item *Arts et Métiers*. Quando Pierre Patte publica, em 1765, seu *Monuments erigés en France à la Gloire de Louis XV* descreve os projetos apresentados em Paris para os concursos realizados em 1749 relativos à construção de uma praça real em homenagem a Luís XV.

## CONCLUSÃO

No período em que se dá a formulação dos planos de intervenção dos engenheiros e arquitetos portugueses para a reconstrução de Lisboa os profissionais envolvidos nessa reconstrução pertenciam mais a uma tradição arquitetônica do classicismo do século XVII, assim como da engenharia militar desse mesmo período, do que aos círculos culturais europeus nos quais se formulavam as novas concepções iluministas de projeto urbano.

Na proposta dos engenheiros portugueses para a reconstrução de Lisboa podemos destacar que: as preocupações de regularidade e simetria na composição das fachadas das construções, onde as proporções estabelecidas entre largura da rua e altura dos edifícios, assim como o alinhamento das ruas em relação a alguns edifícios que se queriam conservar, respondem à simetria clássica do século XVII; as preocupações com os valores fundiários e imobiliários das edificações, nas quais se expressam as opções de reconstrução similares à normatização empreendida em Londres pelo Act for Rebuilding the City, que levariam os proprietários a obter seus antigos rendimentos, mantêm a mesma estrutura fundiária da cidade, diferentemente das proposições dos arquitetos iluministas de estratificação dos bairros pelas diferentes classes sociais pautadas pelos preceitos higienistas; as preocupações com o sistema de abastecimento de água e captação de esgotos deram continuidade ao que já havia sido empreendido desde o reinado de D. João V; a permanência da concepção das galerias de passagem para pedestres – *logeas* – que, embora excluídas das proposições da maioria das ruas, por um processo de racionalização e por questões de segurança noturna, mantêm-se na praça principal, solução essa tão condenada pelos médicos e engenheiros do século XVIII por questões higiênicas.

Em contrapartida, o arquiteto francês Pierre Patte, assim como o arquiteto escocês Robert Adam, no momento de reconstrução de Lisboa, encontravam-se na etapa de formação profissional vinculados aos circuitos culturais europeus nos quais se formavam as concepções urbanísticas iluministas. Nessa época, para a formação de um jovem arquiteto, o *Grand Tour* pela Itália, como o empreenderia o arquiteto escocês Robert Adam, a partir de 1754, permitia o contato com os principais mestres em arquitetura; no caso, com Charles Louis Clérissseau e com Giovanni Battista Piranesi. O *Grand Tour* permitia, ainda, estudos sobre a Antigüidade, conhecimento do trabalho dos mestres italianos e contato com a arqueologia contemporânea italiana. Por sua vez, Pierre Patte, ao viajar para a Itália em 1750, estabelece esses mesmos vínculos culturais.

As concepções iluministas presentes no plano de Robert Adam para a reconstrução de Lisboa revelam a sintonia com o que se consolidaria durante a segunda metade do século XVIII como concepção tipicamente inglesa de intervenção na cidade; assim como afinidade com o discurso higienista presente nas academias de medicina e de arquitetura da França e da Itália no período.

## NOTAS

1. A idéia do texto surgiu do diálogo com Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno sobre o questionamento a respeito da presença das concepções iluministas no contexto cultural da cidade de Lisboa, quando da sua reconstrução após o terremoto de 1755. Esse diálogo foi motivado pelos recentes eventos científicos promovidos em Portugal a propósito das comemorações de 250 anos do episódio; eventos esses apresentados pela pesquisadora em outro artigo deste mesmo número da revista *Oculum Ensaios*.
2. Trata-se de sua tese de doutoramento na Universidade de Paris, primeiramente publicada em francês, nas coleções da École Pratique des Hautes Études (Secção de Ciências Sociais – 1965), e depois traduzida em português (pela Editora Bertrand) e em italiano, numa coleção dirigida por Manfredo Tafuri.
3. As legendas em francês no plano de Robert Adam poderiam ter sido feitas por ele mesmo, no contexto de sua inserção ao círculo intelectual da Academia Francesa em Roma, ou pelo seu tutor Charles Louis Clérissieu, como observações a um exercício acadêmico.
4. Importante destacar que antes de sua viagem à Itália Robert Adam dedicou-se ao desenho e à leitura da arquitetura clássica na rica biblioteca de seu pai, William Adam, construtor escocês, em Blair-Adam na Escócia.
5. Segundo John Summerson “devemos Convent Garden a três personagens: Charles I, com seu gosto refinado e seu desejo de controle autocrático de Londres; Jones, com a sua compreensão perfeitamente madura do design italiano; e, o Lorde de Bedford com sua aptidão para negócios no campo da edificação especulativa” (In: *Georgian London*. London: Barrie & Jenkins, 1988, p. 16).
6. Interessante observar que o livro de John Gwynn, *London and Westminster Improved*, foi publicado no mesmo ano que Craig produziu seu plano, e uma cópia dele estava em posse de Craig quando de sua morte.
7. Bairros periféricos nos quais são previstos todos os ofícios considerados prejudiciais no interior da cidade.
8. Pierre Patte escreve ainda duas obras, dentre outras, de caráter urbanístico: em 1766, *De la manière la plus avantageuse d'éclairer les rues d'une ville pendant la nuit, en combinant ensemble la clarté, l'économie et la facilité du service*; e, em 1799, *De la translation des cimitières hors de Paris*.
9. Estamos usando aqui uma terminologia que não é da época, mas que, segundo nossas hipóteses, contém as premissas do que seria conceituado no final do século XIX como *zoneamento urbano*.
10. Pierre Patte escreveria uma obra sobre o tema entre 1780 e 1782, *Essai sur l'architecture théâtrale*, que se transformaria num importante tratado sobre o teatro moderno, para o qual a Itália teria sido a fonte de referência.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUENO, B. P. S. Considerações sobre a organização inadequada das cidades e sobre os meios de corrigir os inconvenientes aos quais elas estão sujeitas. (Tradução de Pierre Patte in. *Mémoires sur les objets les plus importants de l'Architecture*). *Revista de Estudos sobre Urbanismo. Arquitetura e Preservação/Cadernos de Pesquisa do LAP FAU USP*, n.38., jul.-dez., 2003
- BOLTON, A. T. *The Architecture of Robert and James Adam*. 2.ed. London: Antique Collector's Club Ltd., 1984. 2v.
- FRANÇA, J.-A. *Une ville des Lumières: la Lisbonne de Pombal*. Paris: Bibliothèque Générale de L'École Pratique des Hautes Études VI Section, SEVPEN, 1965.
- \_\_\_\_\_. *Lisboa Pombalina e o Iluminismo*. 3.ed. Lisboa: Bertrand, 1987.
- \_\_\_\_\_. Espaces et commodités dans la Lisbonne de Pombal. *Dix-Huitième Siècle*. numéro special (*Le sain et le malsain*), n.9, p.161-9, 1977.
- GWYNN, J. *London and Westminster Improved*. London, 1766.
- HOAR, F. *An Introduction to English Architecture*. 1.ed. London: Evans Brothers Ltd., 1963.
- MARET. Mémoire sur l'usage où l'on est d'enterrer les morts dans les églises et dans l'enceinte des villes. Dijon, 1773.
- PAITTE, P. *Mémoires sur les objets les plus importants de l'Architecture*. Genève: Minkoff Reprint, 1973.
- PIATOLLI, S. *Saggio in torno al luogo del seppellire*. 1774.
- RICHARDSON, J. *Convent Garden*. New Barnet: Historical Publications Ltd, 1979.
- SALGADO, I. *Origens do pensamento racional sobre a cidade*. Relatório Final de Pesquisa. PUC Campinas/FAPESP. Campinas. 1998.
- \_\_\_\_\_. Pierre Patte e a cultura urbanística do iluminismo francês. *Revista de Estudos sobre Urbanismo. Arquitetura e Preservação/Cadernos de Pesquisa do LAP FAU USP*, n.38, jul.-dez. 2003.
- SICA, P. *Historia del Urbanismo – el siglo XVII*. Madrid: Instituto de Estudios de Administracion Local, 1982.
- SOLOMON, J.-F. *Sources d'Histoire de la France Moderne*. Paris, 1972.
- STILIMAN, D. *English Neo-classical Architecture*. London: A. Zwemmer, 1988.
- SUMMERSON, J. *Georgian London*. London: Barrie & Jenkins, 1988.
- TAIT, A. A. *Robert Adam Drawings & Imagination*. New York: Cambridge University Press, 1993.
- VICQ D'AZIR. Essai sur les lieux et les dangers des sepultures. In: \_\_\_\_\_. *Oeuvres de Vicq d'Azir*. Paris: L. Duprat-Duverger, 1805. , tome sisième.
- YOUNGSON, AJ. *The Making of Classical Edinburgh 1750-1840*. Edinburgh: Edinburgh at the University Press, 1970.

## RESUMO

O artigo se propõe analisar os desenhos de Robert Adam para a reconstrução de Lisboa, desenhos esses concebidos em Roma no final de 1755, ou no começo do ano seguinte, e que foram provavelmente desenvolvidos no contexto de um exercício acadêmico no estilo das práticas empreendidas nas academias italianas no século XVIII, voltadas às reflexões teóricas de temas arquitetônicos. Procura-se justapor essa proposta às concepções adotadas para o projeto arquitetônico e urbanístico pelos engenheiros portugueses para a reconstrução de Lisboa, concepções essas que revelam preocupações de regularidade e simetria na composição dos edifícios que respondem à simetria clássica e estariam filiadas a uma tradição mais próxima do século XVII. Em contraponto a essas idéias, os desenhos de Robert Adam sintetizam as concepções inglesas de espaços regulares, revelando um novo repertório de modelos urbanísticos em que a repetição rítmica das formas geométricas elementares confere às intervenções uma harmonia que se implanta pouco a pouco como um ornato urbano específico da cultura iluminista sobre a cidade. No projeto do arquiteto escocês percebe-se, ainda, uma filiação às concepções higienistas específicas da cultura iluminista, que são pautadas pelas teorias médicas sobre a salubridade das cidades.

**PALAVRAS-CHAVE:** higienismo, Iluminismo, urbanismo, projeto urbano, história da arquitetura, história do urbanismo.

## ABSTRACT

*The article proposes to analyze the drawings of Robert Adam for the reconstruction of Lisbon, drawings which were conceived in Rome at the end of 1755, or in the beginning of the following year, that were probably developed in the context of an academic exercise very much in the style of the practices implemented in the Italian academic schools in the XVIII century which were based on theoretical reflections towards architectural themes. It is intended to make a comparison between the proposal for the conception adopted to the urban and architectural project by the Portuguese engineers for the reconstruction of Lisbon, in which precautions of regularity and symmetry in the composition of buildings are revealed and respond to classical symmetry and that would be closely associated to a XVII tradition. Opposite to those ideas Robert Adam's drawings synthesize the English conceptions of regular spaces revealing a new repertoire of urban models where the rhythmical repetition of elementary geometrical shapes gives to interventions a "harmony" that is implanted little by little like an urban ornament specific from the Enlightenment Culture of the city. In the projects of the Scottish architect it is still observed an association with the specific hygienists conceptions of the Enlightenment Culture that are written out in the medical theories about the health of the cities.*

**KEYWORDS:** hygienic, Enlightenment, urbanism, urban project, history of architecture, history of urbanism.



